

Bancos ficam divididos sobre riscos do Brasil

Gustavo Magnusson/AAN

Situação política assusta Santander, mas três outras instituições não vêem problemas

FÁBIO ALVES
e SERGIO LAMUCCI

Mais um banco em Wall Street, dessa vez o Santander, recomendou ontem a seus clientes que diminuam a exposição a títulos da dívida externa brasileira, citando as incertezas no cenário político como um dos motivos para o rebaixamento. A decisão chegou a provocar instabilidade no mercado, levando o dólar a subir 1,13%, cotado a R\$ 2,423, mas se reduziu ao longo do dia, num movimento influenciado pelo anúncio de que três outros bancos de investimentos – JP Morgan, Dresdner e Barclays – continuam sugerindo uma exposição acima da média do mercado (overweight) para os papéis brasileiros. Nesse cenário, a moeda americana fechou em R\$ 2,409, alta de 0,59%, e a bolsa encerrou os negócios com valorização de 0,59%. O risco país teve uma leve queda, recuando de 883 para 879 pontos (8,79 pontos percentuais acima dos títulos do Tesouro americano).

Segundo a estrategista-chefe de títulos da dívida para América Latina do Santander, Lenora Suki, as notícias que virão no curto prazo não deverão oferecer muito suporte aos preços dos títulos, que recuaram nas últimas semanas. “Aliás, poderá haver nova onda de depreciação da dívida brasileira em relação aos níveis atuais.”

Tempo na TV – Suki citou como um dos motivos o fato de que as pesquisas não deverão melhorar o sentimento de mercado até o fim do mês, quando José Serra (PSDB) terá mais tempo na TV. Depois, apesar de alguns indicadores terem melhorado, como o fluxo de investimentos estrangeiros diretos, ela ressaltou que os últimos números macroeconômicos não dão sustentação aos preços atuais dos papéis brasileiros. A analista disse ainda que, se “as candidaturas de esquerda não se sustentarem”, o risco país poderá cair para 725 pontos até o fim do ano.

O JP Morgan, porém, manteve a sua recomendação de exposição overweight para a dívida do Brasil. Segundo a diretora de pesquisa de renda fixa para mercados emergentes do banco, Joyce Chang, o JP Morgan

não alterou sua sugestão para os clientes por entender que o rendimento dos títulos brasileiros (que formam o risco país) já reflete o risco no cenário político. “A venda e a queda nos preços dos papéis foi exagerada, embora as pesquisas de opinião para as eleições não devam melhorar nas próximas semanas.”

Chang disse que o Brasil continuará sendo o foco do mercado emergente de dívida. “Os acontecimentos que deixaram o mercado nervoso, especificamente o aumento de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas últimas pesquisas, não deverão desaparecer em maio, quando novas sondagens forem divulgadas.” No fim das contas, opina Chang, o candidato do governo deverá vencer as eleições. “A campanha não é oficialmente lançada até agosto, o que deixa bastante tempo para uma troca de candidatos, se necessário.”

“Irracional” – O Dresdner Kleinwort Wasserstein também manteve sua recomendação para a dívida brasileira em overweight. Segundo Nuno Câmara, analista do Dresdner para a América Latina, o fato de a taxa de risco do Brasil ter superado a da Venezuela, país que sofreu de uma tentativa de golpe de Estado há

três semanas, indica que está ocorrendo “um movimento irracional no mercado” gerado pelas incertezas em relação à sucessão. “Ainda estamos longe de uma definição do qua-

dro eleitoral, teremos o início de um quadro mais consolidado apenas daqui uns dois meses. Além disso, os fundamentos econômicos continuam positivos e o governo já disse que o vai promover os cortes de gastos necessários para atingir a meta do FMI.”

O diretor de Câmbio do banco ING, Diniz Pignatari, entende que a pressão sobre o dólar deve-se a uma percepção de que o fluxo de recursos estrangeiros para o País tende a diminuir. Com o risco país maior, as captações de empresas brasileiras ficam mais caras. Ele lembra que a Petrobrás e a Eletropaulo desistiram de emitir papéis no exterior por causa da instabilidade.

Para o diretor do BankBoston, Alberto Gaidys, o que tem provocado a alta do dólar é principalmente o fato de que os exportadores preferem esperar para vender os dólares no mercado, esperando elevação mais forte das cotações. Na outra ponta, os importadores antecipam suas compras, com o temor de que a moeda suba mais.



O ministro da Fazenda: “Não é razoável que a economia seja avaliada pelo sobe e desce das pesquisas”

**ANALISTA
PREVÊ NOVA
ONDA DE
DEPRECIAÇÃO**